

O presente estudo aborda uma modalidade de violência que acontece no contexto escolar entre pares de adolescentes, denominada de bullying e/ou intimidação – assunto debatido nas mais diversas mídias e campos de pesquisa científica dado seu avanço e incidência em escolas públicas e privadas. A intimidação é definida como um fenômeno que ocorre através de ataques intencionais, físicos ou verbais, praticados por um ou mais sujeitos, ao longo do tempo, contra uma ou mais pessoas que estejam em situação de desvantagem física ou psicológica. A palavra bullying segundo Fante (2005) e Olweus (2004) seria usada na literatura técnica da psicologia anglo-saxônica que, vindo do inglês bully, significa valentão, tirano e que, como verbo, significa tiranizar, amedrontar. Foi Olweus, em 1973, que iniciou os estudos sobre essa prática na Noruega e, em 1989, junto com o pesquisador Roland, identificou e tipificou o fenômeno.

Os primeiros estudos sobre a intimidação no Brasil surgem em 1997, conduzidos pela professora M. Canfield, nas escolas públicas da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul; no Rio de Janeiro I. Figueira e Carlos Neto entre 2000 e 2001, investigaram o fenômeno nas escolas municipais. A pesquisadora Cleo Fante, entre os anos 2000 a 2003, pesquisou nas escolas públicas e privadas urbanas e rurais no estado de São Paulo, constatando a presença do fenômeno entre os alunos, marcados por uma diferença que os transformavam em alvo de intimidação.

Paralelo a discussão acadêmica nos anos 1980, iniciou-se um debate sobre a educação para direitos humanos no Brasil, visando refletir sobre o preconceito e as diversas formas de estigmatização dos alunos na sala de aula.

Os autores D. Antunes e A. Zuin (2008) contribuíram para o debate ao relacionarem a intimidação com o preconceito e ao denunciarem uma posição da psicologia descomprometida com uma leitura sociocultural dos fenômenos humanos.

Portanto, o objetivo do estudo foi compreender os significados e sentidos produzidos por adolescentes, em contexto escolar, sobre as práticas de intimidação. Investigamos estudantes de 16 a 18 anos (11 moças e 17 rapazes), que cursavam do 1º para o 2º ano do Ensino Médio num colégio público considerado de excelência na cidade do Recife/PE.

Utilizamos a metodologia qualitativa, com a coleta de dados através dos recursos da observação participante, da realização dos grupos focais e da aplicação do questionário socioeconômico cultural.

Constatamos que esse “perfil de excelência” acabou sendo o epicentro dos episódios de intimidação entre pares, pois os alunos com dificuldades de aprendizagem ou que obtivessem notas baixas eram alvo de agressões verbais, xingamentos, humilhações. Intimidações denominadas por eles de “brincadeiras” e que por este motivo, eram naturalizadas pelos docentes e alunos. Ao serem consideradas como naturais na adolescência, tornam-se invisíveis e provocam a banalização da violência.

Palavras-chaves: intimidação, brincadeiras, adolescência.